

Nossa pequena Faixa de Gaza cotidiana

*Erly Alexandrino da Silva Neto*¹

Quem conta um conto...

Esses dias, uma terça-feira, tive um tempo livre à tarde e, como já fizera outras vezes, decidi ir à UFES encontrar uma amiga para conversarmos sobre nossas frivolidades corriqueiras.

Encontramo-nos, fomos à cantina comprar algo para beber e, isso feito, decidimos procurar por uma mesa ao ar livre, mais apropriada à tertúlia. Fomos até o gramado em frente ao prédio do mestrado em letras, no que visualizamos uma única mesa desocupada à sombra. Notando que outro grupo vinha logo atrás e que, provavelmente, procurava pelo mesmo, nos adiantamos à mesa e nos sentamos.

Uns segundinhos após iniciarmos nosso bate-papo, um dos rapazes deste grupo veio à nossa direção e nos interrompeu educadamente:

- "Desculpem-me, mas vocês se importariam de compartilhar esta mesa com a gente?"

Olhei para o rapaz por alguns momentos e, extremamente desagradado com a ideia de compartilhar uma mesa com estranhos enquanto conversava assuntos que não eram para ouvidos de desconhecidos, disse:

- "Sim, eu me importo, estou aqui para conversar coisas apenas com ela."

O rapaz, então, trouxe elegantemente seu cigarro - era um rapaz bonito, por sinal, bem arrumadinho no estilo universitário: camisa básica de algodão, *jeans* arrastando no chão, *All*

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005), especialista em Psicanálise pelo EAP/FAFIA (2009) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Também é membro adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL), trabalha como psicanalista em consultório particular e como psicólogo integrante das equipes de saúde mental dos municípios capixabas de Santa Maria de Jetibá e Vila Velha. Contato pelo e-mail: erlyneto@gmail.com

Star, mochila e uma barbicha levemente aparada - mudou de semblante, com as mãos meio trêmulas, e disse:

- "Então procurem outra mesa, nós estamos em seis!"

Surpreso por esta resposta, e pela imposição realizada, atordoei-me por um momento e olhei novamente as outras mesas: todas ao Sol e, quanto ao número de bancos, todas tinham ou quatro ou nenhum, no que duas ou seis pessoas não tornariam explícita nenhuma preferência óbvia. Enfim, respondi:

- "Não meu amigo, as outras estão todas ao Sol."

No que ele retrucou:

- "Nossa, mas você é GROSSO, heim?"

Nesse momento seus amigos riram de algo, ele olhou e perguntou, em voz alta e irritada, "O que foi?" a eles. Não escutei nenhuma resposta, no que o rapaz tornou a se voltar pra mim:

- "Nós vamos sentar mesmo assim, você é muito grosso! Credo! Que grosso!"

Eu tentava falar algo, mas era sempre interrompido por mais um "grosso", um tom mais elevado de voz, no que acabei retrucando com alguma energia:

- "É, talvez eu seja grosso mesmo, mas você não é menos babaca, em todo caso. Você me perguntou e eu respondi, pra que a pergunta, então, se você não considerou que eu podia recusar sua proposta?"

E ele, visivelmente nervoso, trêmulo, tragando o cigarro com mais intensidade:

- "Ah! Vai se foder!" Virou pra minha amiga e pediu desculpas a ela. - "A gente vai sentar aqui e pronto! Esse aqui é um espaço público!"

Quando escutei esta última frase fui acometido pelos mais truculentos afluxos de críticas ao pensamento manifesto que meu antagonista esboçava como justificador de seu assédio: quer dizer, basta fazer menção à "coisa pública" para que qualquer uso particular do espaço possa ser "tratorado" em favor de uma, indistinta, maioria?

Pensei várias coisas a dizer ou a fazer. Pensei em retrucar que o que ele estava fazendo era intimidação, imposição pela força do número. Pensei em entrar nas discussões sobre o uso do espaço público, sobre a forma impositora² e intimidante com a qual ele julgava legítimo possuir prioridade no uso do espaço público, mas...

Enfim, isso vinha ao lado de ideias como: se ele sentar aqui eu vou jogar a minha água toda nesse cabelinho montado. Depois eu vou enterrar meu pé no joelho dele e esmurrá-lo até seus amigos correrem pra cá, quando vou botar o *Kung-fu* que me resta pra funcionar! Hoje é um bom dia prá brigar, pensei. Contudo, diante da intensidade do momento, da latência da causa real desta cena surreal, da ansiedade crescente de um momento de suspensão que parecia não terminar, por fim me pareceu que o mais apropriado era simplesmente reforçar este pensamento com o que poderia desencadear de oposição por mera repetição, por sair de uma boca e passar à outra, de efeito sutura para a sangria narcísica que se apresentava, no que só pude dizer:

- "Exatamente, um espaço público."

O rapaz ficou me olhando por mais uns vinte segundos, seus amigos nunca se aproximaram. Ele acabou retornando à turma, trocaram algumas palavras que não distingui, se distanciaram e foram se sentar, à sombra, na grama.

Continuei o encontro com minha amiga, não sem estar ligeiramente enraivecido, no que acabei comentando um pouco o incidente com ela. Ela me disse, então, que o conhecia e que o que mais a surpreendeu é que ele é um desses rapazes que encabeça as mobilizações pela democratização do espaço público universitário.

Epílogo

Após finalizar a programação do dia, e de contar o ocorrido para minha esposa, decidi compartilhá-lo com quem pudesse, relatando-o no *Facebook*. Os meus objetivos eram modestos: gostaria que o texto alcançasse o rapaz em questão, que eu não conheço, sequer

² A palavra impositiva é a existente na língua, mas ao escrever equivocadamente percebi que não havia feito outra coisa senão juntar impositiva com impostora, o que vai bem a contento.

sei o nome e; aproveitar o ensejo para "mandar o meu recado", meu *lobby* de sempre, quer dizer, pelo menos os que já são familiarizados com o que digo por aí saberão do que se trata o tal *lobby*.

A respeito de meu primeiro desejo, não se trata de nada além do que poder apresentar a meu interlocutor o sujeito com o qual ele interagiu e que, justamente por não ter se reduzido ao objeto previsível de sua fantasia ideológica, promoveu *tiquê*, um mau encontro. Que isso possa apontar em que limite o discurso político-ideológico esbarra no impossível determinado pelas contingências do real. O outro existe e não o chamaram de inferno à toa.

Quanto à segunda aspiração, eu começaria por poder dizer que palavras de ordem, o politicamente correto (que hoje é a defesa das minorias), levantar-se em defesa do público e engajar-se em "outra lógica", não desaloja, de forma alguma, o autoritarismo característico do discurso do mestre. Capitalistas, ativistas ou transgressores, sempre podem atuar baseados na força, imposição e no argumento de autoridade.

O que eu quero dizer com isso é que a relativização do saber, a desmontagem das tradições e a demonstração da ausência de sentido em seu cerne - tudo isso possibilitado pela aplicação do método científico ao campo das, ditas, humanidades - não elege nenhum outro discurso como isento da possibilidade de reproduzir dominação, segregação, exclusão e muita babaquice. A militância salva tanto quanto o militarismo e, ambos, é o caso de dizer, acabam por abalar aquilo mesmo que julgam defender.

O que pode fazer limite ao mal-estar das relações humanas - que são, por estrutura, desejantes, com tudo que isso acarreta de problemático, de impasse, de devoração, dominação, de aniquilação do outro desejado - é, justamente a capacidade de manejar, em duração indefinida, a irrupção da alteridade. O resto é narcisismo.

Minha bandeira aqui, meu *lobby*, como eu disse, é lembrar de não levarmos nossos ideais muito a sério, ao menos não mais a sério que as pessoas reais com as quais tropeçamos por aí porque, mesmo com toda carga de reacionarismo que isso comporta, a encarnação de um ideal é sempre parcial, sempre deixa um resto completamente estranho, heterogêneo do que aquilo que se espera encontrar na realização final dele [do ideal].

Este resto é, justamente, o recalcado perturbador tal qual Freud o apontava na virada para o século XX, que é justamente o desejo, seja ele o de foder loucamente com alguém ou de, simplesmente, conversar privadamente no espaço público. Manifestações cruas ou sublimadas do desejo, sempre disruptivas em relação a qualquer ordem advinda de um ideal qualquer, ainda que seja um ideal libertário, igualitário, fraterno, de minorias sexuais, raciais, de gênero, etc. é apenas a pluralização do ideal, ou a sua apresentação em um aspecto multifacetado.

Essa fragmentação do ideal, longe de promover uma justa distribuição de um fragmento sobre medida para cada naco da massa³, promove, sim, a proliferação de um fragmento objetificado que serve, ora como traço identificatório, ora como objeto de gozo, promovendo, ao invés do laço social, comunidades de gozo ou de identidade: arranjos de uma massa ao redor de um traço/objeto qualquer, que entima⁴ os sujeitos a se reconhecerem ou gozarem em grupos cada vez mais fechados, rivais e incomunicáveis. Nossa muitíssimo íntima, privada e cotidiana, Faixa de Gaza.

Quanto ao desejo, não há ideal que o recubra todo... É sempre problemático e vai sempre exigir um pouco mais do que educação ou bom coração, vai exigir estômago para digerir o caroço amargo de um outro desejo indigesto. Na esfera do pensamento, nenhum novo sistema, nenhuma revolução ou desconstrução, nenhuma causa, por mais justa que seja, conseguirá prever ou provar, indiscriminadamente, o tijolo da alteridade.

Gostaria, para finalizar, de dizer que acredito que essas elaborações estão tão ao alcance do estudante em questão quanto ao meu. Não me precipitaria a dizer que ele é incapaz de estabelecer relações de alteridade, que é um narcisista, um mimado ou um totalitário das mesas. O que acredito ter se passado é que um garoto inteligente, em seu prazeroso tempo de inexperiente adolescência estendida, que é a realidade universitária, se pegou na armadilha de tomar seu grupo de amigos, naquele momento, por substituto do Outro social, abrindo mão de suas capacidades éticas corriqueiras em favor da aprovação grupal. Mas, bom, isso costuma passar.

³ No sentido usado em cultura de massa.

⁴ Um neologismo que utilizo para falar do mecanismo de formação de massas grupais. É uma palavra composta pelo verbo intimar e pela ação de 'formar time': entimar.